

O inimigo, o mensageiro e o pedagogo | Luiz Marques

26/04/2021

“É preciso fazer alguma coisa, para lavar a vida degradada”.
Thiago de Mello

Boaventura de Sousa Santos, em livro recente (*“O Futuro Começa Agora: da Pandemia à Utopia”*, 2021), distingue três metáforas empregadas para se referir a Covid-19. São elas, *“o vírus como inimigo, o vírus como mensageiro, o vírus como pedagogo”*. A pandemia é a tragédia de nosso tempo, agravada pela conduta errática de governantes que não escutam o que o vírus tem a dizer sobre o *modus vivendi* em curso da humanidade. A doença pandêmica grava ensinamentos cifrados. Cabe-nos decifrar o significado. A consciência de irmandade planetária compensa o esforço para fazer compreensível a crise.

Pré-condições

O primeiro passo está em não fazer coro com a guerra comercial travada entre os Estados Unidos e a China. Espalhou-se que o Coronavírus teria origem no país asiático: permitiram a praga escapar do laboratório em Wuah (convicção trumpiana). Os EUA buscaram, assim, deslegitimar a liderança chinesa naquilo que foram ultrapassados – produção de celulares, telecomunicações de quinta geração, inteligência artificial, automóveis elétricos, energias renováveis. Os epítetos mútuos recendem a renhida disputa por mercados.

O segundo passo está em não difundir que o vírus é democrático. Não é, nunca foi. Em meados de 2020, manchetes já mostravam a seletividade do contágio. UOL: *“Coronavírus, classe social passa a definir quem morre no país”*, no caucasiano Bairro Morumbi em São Paulo morre-se sete vezes menos do que nas periferias. CNNBrasil: *“Morrem 40% mais negros que brancos por Coronavírus no Brasil”*, o trabalho informal e a própria localização geográfica dificultam o atendimento hospitalar em tempo adequado. BBC News: *“Seis áreas da desigualdade racial no Brasil e nos EUA”*, Coronavírus, analfabetismo, taxa de emprego e renda, assassinatos pela polícia, sub-representação nas esferas estatais, nenhum diretor negro recebeu Oscar na categoria. Quem são as *“classes perigosas”*?

O terceiro passo está em relativizar as certezas dos antigos lugares de fala. Ao globalizar a fragilidade da vida humana nos hemisférios Norte e Sul, embora com clivagem sobretudo étnica e social, a pandemia ofereceu-nos a oportunidade de pensar para além dos condicionamentos sócio-ideológicos. Se a economia foi globalizada e 1% aplaudiu, globalizemos também a sensibilidade e a empatia com o outro, para que 99% possam se regozijar. O que chamávamos *“problemas”* ganhou nova dimensão em face do oponente invisível, que obrigou-nos a dar provas efetivas de *“amor ao próximo”* com o uso de máscaras, a lavagem das mãos com álcool gel e o distanciamento social.

O inimigo

A metáfora como inimigo, usada e abusada pelos governos, faz recair sobre o Estado a responsabilidade maior sobre a propagação da doença. Desconsidera o fato de que o combate sempre envolveu *“as famílias, as comunidades, as associações e os profissionais da saúde que não são simples funcionários públicos exercendo funções rotineiras”*. Numa palavra, a sociedade civil. Ademais, uma guerra possui um desfecho. Mas, no caso, o fim não implicará a eliminação do patógeno, senão seu controle por meio das vacinas e anticorpos que produzimos. Não haverá vitória com rendição incondicional.

O amanhã acena com singela trégua, olhe lá! Nas últimas vezes que se recorreu à imagem beligerante, a vaca foi pro brejo. Contra as drogas, viu-se uma derrota estrepitosa, confundindo usuários com traficantes, sem conter o tráfico em escala nacional. Contra a corrupção, viu-se a manipulação da mídia em prol das ilegalidades flagrantes (a jurisdição e a suspeição) da operação Lava Jato. Se a Rede Globo e satélites não pediram desculpas a Lula e à opinião pública, isso só prova a má-fé com que seguem atuando.

O mensageiro

A metáfora do mensageiro reporta o vírus como um embaixador da natureza. “*A mensagem reside na presença do vírus. É uma mensagem performativa... que consiste na morte ou na ameaça de morte.*” Faz acontecer por estar aí. Em uma guerra convencional, pouparia-se o infeliz arauto em circunstâncias adversas. Não é dele a culpa pelas más notícias.

Na pandemia, porém o deseja-se imitar o gesto de Cleópatra ao tomar ciência do casamento de Antônio com Otávia, filha de Otávio César: furar os olhos do mensageiro e matá-lo, como a um inimigo no campo de batalha. Tal “*serviria para nos defender no presente, mas não para defender do futuro*”. Se o vírus traz uma mensagem, é necessário decodificá-la para conhecer seu inteiro conteúdo, doa como doer. Justo o que nos recusamos.

O pedagogo

“Obviamente é um pedagogo cruel... Mas não é um ser irracional... *A esse nível há que estabelecer uma tradução entre a linguagem humana e a linguagem viral.*” O convívio incita a comunicação. Para Sousa Santos, os seres humanos e o vírus têm em comum serem uma co-criação da natureza. O vírus seria produto do modo como interferimos nos processos naturais. Na tradição eurocêntrica, interferimos em tudo o que se afigurava próximo da natureza, estendendo o afã da dominação “*fossem aos escravos, às mulheres ou aos povos indígenas*”. O mundo natural é fruto dessa brutal intervenção dominadora, que acompanhou a trajetória do capitalismo com a bênção da razão iluminista.

“O ser humano que é hoje infectado pelo vírus é o mesmo que durante séculos infectou e atentou contra a natureza.” Somente uma intersecção de saberes (“*orais, anônimos, africanos, indianos, indígenas, camponeses, feministas, populares, etc.*”) será capaz de forjar ferramentas apropriadas à inteligência do que, no momento, causa horror. Aprender com o vírus remete a uma incontornável autocrítica filogenética da evolução do *Homo sapiens* relativa aos parâmetros que culminaram no *American way of life*. Convertido no padrão capitalista por excelência. Ou viveremos ameaças ainda mais apocalípticas do que a atual. O rompimento reiterado da cadeia ecológica está cobrando a conta.

O caos verdeamarelista

No Brasil, a balbúrdia pandêmica deve-se à falta de vontade política e direcionamento centralizado contra a disseminação viral. Os conflitos dos governadores e prefeitos com o presidente genocida, vaidades e oportunismos de lado, são um legítimo reclame de proteção federativa. Nesse ambiente premeditadamente descoordenado por quem de direito, urge traduzir a linguagem fascista para a democrática. A linguagem do necropoder para a do ecopoder, conforme alerta a Organização Mundial de Saúde (OMS).

Associações corporativas procuram furar a fila de prioridades recomendadas pelas autoridades competentes na distribuição de vacinas. O Congresso Nacional aprovou a flexibilização da compra por grupos empresariais, funcionários e familiares fora do Programa Nacional de Imunização (PNI). Isso, além de autorizar os sujeitos de direito privado a adquirirem imunizantes sem a aprovação pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa). Sob a cínica alegação de agilizar a vacinação em massa da população. O presidente da República sancionou (10/03/2021) a clara corrupção da ordem social.

Denunciar e compreender

Denunciar os métodos de mercado que evidenciaram desrespeito ao valor igualitário e universal da vida humana, assegurado pelo Sistema Único de Saúde (SUS) e pela Constituição em vigor. Com critérios mercantis, os congressistas e o mandatário-mor distinguiram gente de sub-gente, humanos de sub-humanos, ponderando os recursos financeiros, o status e o prestígio das personas para acessarem a vacinação.

Sem aceitar as premissas, compreender que tais métodos eram (e são) a ponta do *iceberg* da etapa neoliberal do capitalismo. Modelo que refutou os princípios de cidadania e os direitos humanos, transformando a vida dos indivíduos em uma mercadoria como as outras, com a subjetividade eclipsada pelo moderno mito da caverna (o shopping center), romanceado por José Saramago. Fenômeno que a filosofia marxista definiu como reificação (objetificação), por converter as coisas em pessoas e as pessoas em coisas.

A canção de rebeldia

“O problema de fundo é a captura do bem público da saúde e sua submissão à lógica da economia da saúde.”, resume Sousa Santos. A privatização das inovações científicas, que têm caráter coletivo, e a produção farmacológica, que tem foro privado, põem no liquidificador um “*direito*” que, metamorfoseado, vira “*serviço*” aos que podem pagar. Na contramão, desde maio de 2020, os Médicos Sem Fronteiras apelam que se quebre as patentes vacinais das Big Pharma e cesse a exploração comercial dos imunizantes. Sem o que, a globalização do genocídio nos países pobres será um crime anunciado.

O Coronavírus acarretou uma chance histórica de questionamento da indústria farmacêutica e dos monopólios gerados por lucros astronômicos. Os quais possibilitam controlar os medicamentos a serem confeccionados apenas para atender os privilegiados membros das classes abastadas. Retirando dos cidadãos de segunda classe o direito de respirar.

Esse questionamento quiçá desperte no país uma dinâmica de discussões democráticas e participação popular, com Conselhos Regionais que fluam para um grande Conselho Nacional. O otimismo do desejo deve suplantar o pessimismo da mente. Que a crítica política faça seu trabalho de toupeira para cavar novos túneis poético-utópicos de igualdade. “*Peço licença para terminar / soletrando a canção de rebeldia*” (Thiago de Mello).

- **Luiz Marques** é Professor universitário, ex-secretário estadual de Cultura do Rio Grande do Sul.



Foto: Silvio Avila/HCPA

Publicação original: www.sul21.com.br/opiniaopublica/2021/04/o-inimigo-o-mensageiro-e-o-pedagogo-por-luiz-marques/